



Celina e o seu tormento, o carro: "Penso em resolver esse problema o tempo todo. Meu prejuízo não é só financeiro. O desgaste emocional é enorme"

# Quando o bolso e a saúde são afetados

Valquíria Rey  
Da equipe do **Correio**

**São Paulo** — A crise econômica provoca nas pessoas uma sensação de impotência sobre suas realidades, seus próprios destinos. Ninguém sabe ao certo o que pode acontecer no dia seguinte e se terá ou não condições de sobreviver aos sobressaltos permanentes das subidas e descidas do dólar, troca de presidentes do Banco Central e aos ajustes que estão sendo implementados. Em consequência, as reações são as mais diversas e, dependendo das características de personalidade de cada um, causam maior ou menor desgaste físico e psicológico.

Uns sentem depressão, têm insônia ou gastrite. Outros, ficam muito ansiosos ou preocupados, se isolam dos amigos e deixam de desfrutar do lazer que mais gostam. Mas, sem dúvida, a instabilidade econômica afeta a todos. Ninguém consegue ficar imune.

Para Celina Martins, analista de planejamento para a mídia, sobreviver à crise tem sido extremamente complicado. Desde que o dólar começou a ser supervalorizado frente ao real ela não tem conseguido dormir direito. Sempre preocupada, perdeu alguns quilos e está com depressão. Tudo por conta do financiamento que fez, de acordo com a variação cambial, para comprar um automóvel Ford Ka, em maio do ano passado.

Naquela ocasião, o negócio era vantajoso para Celina, de 35 anos. Mas, agora, com o câmbio livre, terá de pagar R\$ 23 mil pelo carro

que vale menos da metade desse valor: R\$ 9 mil. Tentando amenizar seu prejuízo, ela já perdeu alguns dias de trabalho para renegociar com o banco em que fez o financiamento. Mas, como suas tentativas têm sido inúteis, o desgaste emocional é intenso.

## TORMENTO

"Vivo numa tensão constante.

Minha vida se transformou num tormento. Choro muito e não consigo mais relaxar", desabafa Celina. "Penso em resolver esse problema o tempo todo e só tenho vontade de ficar em casa. Meu prejuízo não é só financeiro. O desgaste emocional é enorme."

Segundo o psicanalista Jacob Pinheiro Goldberg, assim como Celina, a maioria dos brasileiros está sofrendo as consequências da instabilidade em curso no país. "As pessoas sentem-se perseguidas por alguém ou alguma coisa que não sabem o que é. Trata-se de um processo permanente de neurose", assinala Goldberg, professor convidado da Faculdade de Medicina de Londres. De acordo com ele, nessas circunstâncias, manifestam-se doenças psicossomáticas e mentais, desvios de conduta, situações de sadomasoquismo e separações. "O Brasil se

transformou em um grande hospital, do ponto de vista físico e mental", afirma. Para ele, esse é um dos quadros mais preocupantes das últimas décadas no país.

Já o economista Eduardo Gianetti da Fonseca explica que o descontentamento é generalizado com a política e com os políticos. O descrédito e as preocupações acirram o clima do salve-se quem puder, a

exemplo do que ocorreu na última sexta-feira de janeiro, quando as pessoas correram aos bancos para sacar o dinheiro que tinham com medo de confiscos. "A situação é de pânico. Ninguém acredita em ninguém. Cada um quer

defender o que pode para si, sem se preocupar com o coletivo."

A mesma opinião tem Jacob Goldberg. Ele acredita que o País está no limiar do pânico. Segundo ele, se essa situação permanecer por muito tempo, existe o risco de uma depressão psíquica coletiva.

## AGRESSIVIDADE

"As pessoas fizeram planos e agora não conseguirão concretizá-los. Vão diminuir o lazer, a maneira de descarregar o estresse, e a consequência será a ansiedade ou a depressão", registra a psicóloga Vera Lúcia Campos. Para ela, a realidade brasileira é muito preocu-

pante. Agressividade, violência e criminalidade podem ser a forma encontrada para enfrentar os problemas. Aí inserem-se também quebra-quebras e pequenos furtos.

"Fico preocupado porque é sempre a gente que paga as consequências dos erros deles", queixa-se Rodolfo Marcelo Gomez, argentino, de 47 anos, que mora há 17 anos em São Paulo e trabalha como professor e guia turístico. Casado e com três filhos — de 16, três e dois anos —, ele já viveu crise semelhante com desvalorização de moeda em seu país, no final dos anos 70. "Se tivesse dinheiro, eu iria embora. Não confio mais nesse governo."

Impotência ou procura exagerada por sexo, doenças alérgicas de fundo emocional, dores de cabeça e úlcera também podem ocorrer nessas situações, devido ao medo de não conseguir fechar as contas no final do mês, pagar a escola dos filhos ou perder o emprego.

"Essa pressão externa e interna torna as pessoas sempre próximas do descontente. O fumante aumenta o uso do cigarro, o bebedor habitual se embriaga com mais facilidade e assim por diante", explica o psicoterapeuta Moacir Costa.

Na avaliação do psicólogo Ailton Amélio da Silva, especialista em relacionamento amoroso e sexual, os efeitos da crise nas pessoas é diferenciado, podendo ser positivo ou negativo. Uns perdem enquanto outros ganham. Alguns podem fracassar em seus negócios, ficar desempregados e sofrer de depressão. Mas, outros podem lidar tranquilamente com as altas doses de imprevisibilidade e se dar muito bem.

"O BRASIL SE  
TRANSFORMOU EM UM  
GRANDE HOSPITAL, DO  
PONTO DE VISTA FÍSICO E  
MENTAL"

Jacob Goldberg,  
professor convidado da Faculdade de Medicina de Londres